



[https://youtube.com/@cre
scendonagraca-
ky4lc?si=D0PlwVq5L-
_asGTL](https://youtube.com/@cre
scendonagraca-
ky4lc?si=D0PlwVq5L-
_asGTL)

LIÇÃO 3 – O CORPO E AS CONSEQUÊNCIAS DO PECADO

Introdução: Em Gênesis vemos a consequência do pecado — A Queda

A narrativa da Queda em Gênesis é o evento fundante da teologia bíblica sobre a condição humana. Nela encontramos a síntese das consequências do pecado: a ruptura da comunhão com Deus, o surgimento do senso de culpa que motiva a fuga humana do estado original de inocência, e a entrada da morte como realidade inevitável na experiência humana. Antes do pecado, a criação reflectia a bondade e a perfeição do Criador; o homem e a mulher habitavam uma relação direta e fecunda com Deus e com a natureza. Depois do ato de desobediência, essa relação é quebrada. A separação espiritual aparece claramente — “e se esconderam da face do Senhor Deus” (Gn 3.8) — e a experiência da vergonha substitui a inocência (Gn 3.7). Ao lado disso, a narrativa aponta que a morte física, ainda que não se manifeste imediatamente em todos, torna-se princípio e destino humano: a morte, que antes não tinha lugar na experiência do homem imaculado, passa a ser parte da condição criada, como fica expressa na sentença “ao pó tornarás” (Gn 3.19).

Teólogos clássicos e modernos enfatizam que a Queda é tanto um acontecimento histórico quanto uma descrição existencial: a história da humanidade é marcada por um evento real e seus efeitos permeiam o interior do ser humano. Agostinho situou a Queda como a causa da inquietação do coração humano; Irineu e os patrísticos viram na queda um problema que só poderia ser plenamente remediado pela obra redentora de Cristo. Para nós, a Queda não é apenas um relato distante: ela explica por que nosso corpo, nossa psicologia e o mundo natural operam sob limites, dor e decadência. A teologia pentecostal, sem negar o caráter histórico, costuma sublinhar também a dimensão prática: os corações quebrantados e as vidas feridas pela queda são objeto da graça que cura, santifica e restaura.

“Onde há estudo, nasce a sabedoria; onde há sabedoria, nasce a mudança.”



<https://youtube.com/@crendonagraca-ky4lc?si=D0PlwVq5L-asGTL>

Tópico I — Da Perfeição à Morte

A Certificação Divina

Desde o início da narrativa criacional, Deus certifica a bondade e a adequação da sua obra: em Gênesis 1.31 lemos que “Deus viu tudo quanto fizera, e eis que era muito bom.” A expressão hebraica *tôv me’ôd* (טוֹב מְאֹד) não é retórica superficial; ela carrega a ideia de plenitude de bondade — moral, funcional e relacional. O homem foi criado como reflexo finito da perfeição divina: a imagem de Deus implica semelhança, responsabilidade e capacidade de corresponder à vontade do Criador. Eclesiastes 7.29 declara que “Deus fez o homem reto”, o que reforça a visão de que a condição original do homem era de retidão e integridade. Deuteronômio 18.13 e passagens como 2 Samuel 22.31 (que ancoram a perfeição de Deus como padrão) mostram que a perfeição humana é derivada da natureza perfeita de Deus — o homem foi chamado a imitar o seu Criador em fidelidade.

Essa “certificação divina” não é um selo vazio: ela funda a dignidade do corpo humano e a sacralidade da vida criada. A criação “muito boa” significa que o corpo, enquanto componente material do ser humano, foi querido por Deus, projetado para comunhão e serviço, e portador de valor intrínseco. O impacto teológico é decisivo: o corpo não é mera prisão da alma nem simplesmente um empecilho para a espiritualidade; ele é parte do bem ordenado plano de Deus, cuja corrupção veio com a rebelião humana.

“Eis que tudo era muito bom”

Dissolver a expressão “muito bom” do ponto de vista exegético exige atenção aos termos hebraicos e ao contexto literário. *Tôv* significa aquilo que é conforme ao propósito, não apenas ausência de defeito. O advérbio *me’ôd* amplia o grau, sublinhando a completude. Assim, o veredicto divino revela que a obra criacional atingiu sua intenção plena: harmonia entre os elementos, integralidade entre corpo, alma e espírito e adequação funcional de todas as partes. A figura literária usada por Gênesis indica que o mundo original funcionava em unidade teleológica — cada criatura desempenhava sua função na rede de significado estabelecida por Deus.

“Onde há estudo, nasce a sabedoria; onde há sabedoria, nasce a mudança.”



<https://youtube.com/@crendonagraca-ky4lc?si=D0PlwVq5L-asGTL>

Teólogos pentecostais chamam atenção para a ideia de vocação do corpo: o corpo foi chamado para louvar, servir e participar da comunhão trinitária. Quando a Queda ocorre, a função permanece, mas a forma é corrompida. A plenitude original é perdida, porém permanece um indício de sua existência por meio da consciência moral, do sentimento de transcendência e do desejo que transcende a mera fome por bens materiais. A promessa bíblica é que essa plenitude será restaurada na glorificação final: o mesmo Deus que cuidou da Criação é capaz de recompor e aperfeiçoar o que foi danificado pela desobediência.

A plenitude original foi perdida, porém será restaurada com a glorificação futura

A doutrina da redenção integral afirma que o projeto criacional de Deus não é abortado; será completado em Cristo. As Escrituras apresentam a restauração em termos progressivos: perdão (justificação), santificação e, finalmente, a glorificação que abrange o corpo (cf. Rm 8.18–23). A soteriologia pentecostal enfatiza que a salvação não se limita à alma: inclui a santificação do ser inteiro e a esperança futura de um corpo redimido, incorruptível. Irineu já declarava que “o que foi perdido em Adão é recuperado em Cristo” — a recapitulação. Paulo sintetiza essa esperança em Filipenses 3.20–21 e 1 Coríntios 15: o corpo da humilhação será transformado conforme o corpo da glória; a morte será tragada pela vitória.

A perspectiva escatológica pentecostal confere à redenção corporal um peso prático: o Espírito Santo trabalha hoje, santificando as ações do corpo e apontando para a restauração plena no retorno de Cristo. Essa visão rejeita o dualismo que despreza o corpo e preserva a esperança concreta de que a redenção incluirá matéria renovada e glorificada.

Pecado e dor

O pecado introduziu a dor em múltiplas dimensões. Espiritualmente, o homem perdeu a comunhão e passou a experimentar vazio e alienação. Psicologicamente, emergiu a culpa como força motivadora de autoproteção (esconder-se, racionalizações, projeções). Fisicamente, a Queda abriu espaço ao sofrimento, à enfermidade e à degeneração orgânica. A narrativa de Gênesis 3 descreve que a terra passa a produzir “espinhos e cardos” — símbolos agrônômicos da resistência e do trabalho penoso que

“Onde há estudo, nasce a sabedoria; onde há sabedoria, nasce a mudança.”



<https://youtube.com/@crecendonagraca-ky4lc?si=D0PlwVq5L-asGTL>

caracterizam a existência humana pós-Queda. A “maldição” (em hebraico *‘ārār*) não é mera retórica punitiva; é um modo de indicar que a bênção relacional e funcional foi rompida, alterando estruturas de significado, sustento e prazer.

A partir de uma perspectiva pastoral, dor e enfermidade não são sempre reedificadas apenas como punição. A teologia bíblica oferece exemplos em que a dor atua como instrumento pedagógico e purificador (Jó, a disciplina de Deus em Hebreus 12, o apóstolo Paulo e suas aflições). Ao mesmo tempo, a Escritura preserva a consolação de que Deus está presente no sofrimento e que há propósito redentor em meio às provas. A teologia pentecostal insiste que, embora Deus cure e faça sinais, a presença de enfermidade não é o fracasso da promessa divina, mas um mistério em que a soberania divina se mostra maior que nossas expectativas imediatas.

A volta ao pó da terra — análise das palavras no original

Quando Deus diz “porque és pó, e ao pó tornarás” (Gn 3.19), o termo hebraico para pó, *‘āphar* (אֶפֶר), carrega conotações tanto materiais quanto simbólicas: refere-se à condição terrena do ser humano, à finitude e à fragilidade física. O retorno ao pó sugere que o corpo, enquanto matéria, tem destino temporário. Contudo, a teologia cristã sustenta que esse destino não é definitivo: o pó será ressuscitado. A linguagem do corpo que volta ao pó contrasta com o sopro divino (*nēšāmā*), que indica a dimensão espiritual que se conserva como chamado à comunhão com Deus. O uso bíblico dessa terminologia articula uma antropologia integral: corpo e espírito interagem, a matéria tem dignidade original e o destino final envolve restauração corpórea.

Eclesiastes 12.1–7 apresenta uma imagem poética do declínio: olhos que perdem brilho, mãos que enfraquecem, portas que se fecham, e o pó a retornar ao seu lugar. Essa poética reforça a experiência humana da transitoriedade e convoca à sabedoria: reconhecer a fragilidade é motivo de louvor e dependência de Deus, não de desespero. A reflexão etimológica e exegética ajuda a compreender que a metáfora do pó não deve desencadear desvalorização do corpo, mas sim afeição por aquilo que é terreno e fé na ação futura de Deus.

“Onde há estudo, nasce a sabedoria; onde há sabedoria, nasce a mudança.”



<https://youtube.com/@crecendonagraca-ky4lc?si=D0PlwVq5L-asGTL>

Eclesiastes 12.1–7

Eclesiastes 12 traduz o drama humano em imagens sensoriais: a perda da juventude, a decadência física e a fragilidade existencial. O autor chama à lembrança do Criador “nos dias da tua mocidade” (v.1), sublinhando que a lembrança de Deus é a resposta adequada ao reconhecimento da finitude. Versos como “as janelas se escurecem” e “o pó volte à terra, como era” põem em diálogo a efemeridade corporal com o chamado à reverência. Teologicamente, o texto aponta para a necessidade de viver cada etapa da vida com propósito e sob a perspectiva do juízo e da graça. No plano pastoral, Eclesiastes convida a preparar gerações, a investir em formação espiritual e a acolher as nuances do envelhecimento como parte do processo humano redimido.

Velhice, autenticidade e gratidão

A velhice, embora tenha relação com a condição caída, é tratada pela Escritura com nítida honra e valor. Levítico 19.32 manda levantar-se diante das cãs; Provérbios 16.31 enxerga a coroa das cãs como sinal de honra. A cultura contemporânea, no entanto, tem promovido um tipo de gerontofobia — aversão ou medo do envelhecer — que decorre em parte da idolatria da aparência, em parte da revolução tecnológica que celebra juventude e produtividade como fins últimos. O cristianismo convida a uma contranarrativa: envelhecer é oportunidade de registrar testemunho, de exercitar sabedoria e de exprimir gratidão à fidelidade divina.

Do ponto de vista psicossocial, a gerontofobia provoca comportamentos de ocultação das marcas do tempo, busca excessiva por procedimentos estéticos e, em casos extremos, opções drásticas para evitar a velhice. Pastoralmente, a igreja deve cultivar práticas que tornem a velhice digna: ministérios intergeracionais, programas que valorizem experiência e sabedoria, espaço para relatos de fé e memória e ações que aliviem a solidão. A teologia cristã mostra que cada etapa da vida tem significado e que a velhice é uma estação propícia para cultivar uma visão eterna da existência.

“Onde há estudo, nasce a sabedoria; onde há sabedoria, nasce a mudança.”



<https://youtube.com/@crecendonagraca-ky4lc?si=D0PlwVq5L-asGTL>

Tópico II — A Responsabilidade Humana

Corpo e livre-arbítrio

Após o ato de desobediência, a Escritura afirma que o homem “conheceu o bem e o mal” (Gn 3.22). O verbo hebraico *yādaʿ* (יָדָעַ) aqui anuncia mais do que informação cognitiva: trata-se de uma experiência moral que altera a percepção e a liberdade. A tradição assembleiana defende a realidade do livre-arbítrio — a capacidade do ser humano para efetuar escolhas morais — ainda que reconheça que a vontade humana está doravante inclinada ao pecado. Nesse quadro, a decisão moral permanece possível, e a graça de Deus é essencial para a restauração do juízo e da vontade.

A passagem de Gênesis 4, onde Deus adverte Caim, ilustra a dinâmica: “Se procederes bem, não é certo que serás aceito? Mas, se não procederes bem, o pecado jaz à porta” (Gn 4.7). A imagem do pecado “jazendo à porta” é potente: descreve o mal como fera aguardando oportunidade; contudo, a responsabilidade moral é destacada: é necessária a ação deliberada de dominar o impulso pecaminoso. Para a teologia pentecostal, isso reafirma a ênfase no domínio pelo Espírito, orientando a prática devocional e a disciplina espiritual.

O livre-arbítrio: o que é e como se dá no homem?

O livre-arbítrio, entendido na teologia cristã clássica, é a faculdade humana de escolher, de ordenar afetos e decisões. Ao mesmo tempo, a Queda condicionou essa liberdade, introduzindo vícios e inclinações que distorcem a vontade. No discurso pentecostal, o Espírito Santo atua como agente de libertação e capacitação: o homem, cooperando com a graça, pode exercer o livre-arbítrio de modo que a escolha seja por Cristo e pela santidade. É um movimento conjugal entre graça e responsabilidade: a graça precede e capacita, o homem responde e pratica a obediência.

Praticamente, isso se manifesta em padrões de vida, escolhas corporais (alimentação, sexualidade, uso de substâncias), formação de hábitos espirituais (oração, jejum, participação comunitária) e supervisão pastoral. A ênfase pentecostal em conversão e santificação progressiva é expressão de um entendimento em que o livre-arbítrio é real, porém renovado pela ação do Espírito.

“Onde há estudo, nasce a sabedoria; onde há sabedoria, nasce a mudança.”



[https://youtube.com/@cre
scendonagraca-
ky4lc?si=D0PlwVq5L-
_asGTL](https://youtube.com/@cre
scendonagraca-
ky4lc?si=D0PlwVq5L-
_asGTL)

Quais as características de irresponsabilidade sobre nosso corpo segundo a Bíblia?

A Bíblia denuncia comportamentos que profanam o corpo e revelam negligência espiritual: a imoralidade sexual, o embriaguez, o abuso de substâncias e a indulgência em práticas que degradam a dignidade humana. Em 1 Coríntios 6.19–20, Paulo declara que o corpo é templo do Espírito; portanto, honrar a Deus inclui preservar o corpo em santidade. Os escritores pentecostais têm enfatizado que desrespeitar o corpo é também um sintoma de dessacralização teológica: quando a experiência espiritual é reduzida a mero sentimento e o corpo é tratado como instrumento de satisfação, perde-se o senso de que Deus habita o crente. A responsabilidade para com o corpo envolve limites saudáveis, autocontrole e compromisso comunitário com práticas que edifiquem.

O exemplo de Caim sobre o livre-arbítrio (Gênesis 4.7)

O episódio de Caim é uma aula sobre agência moral: Deus fala com clareza, oferece possibilidade de correção e adverte sobre o perigo do pecado. A resposta de Caim — o desvio para o homicídio — evidencia o uso impróprio do livre-arbítrio. A leitura assembleiana destaca que a graça de Deus sempre propõe caminhos alternativos; o sucesso moral depende de acolher essa graça. No plano pastoral, a aplicação é direta: confrontar o pecado com misericórdia, oferecer meios de restauração e formar ambientes que fortaleçam a escolha por Deus.

A Potencialização do Sofrimento

Além do pecado original, que instaurou a condição de morte e decadência, a humanidade multiplica suas próprias formas de sofrimento. As chamadas “obras da carne” (Gálatas 5.19–21) — como imoralidade sexual, impureza, embriaguez e abusos — intensificam o dano corporal e social. A modernidade agregou modalidades novas: dependência de substâncias sintéticas, exploração sexual, pornografia de massa e vícios tecnológicos que corroem a psique e o corpo. A teologia cristã precisa abordar essas realidades com clareza: é necessário diagnóstico cultural, cuidado pastoral e intervenções práticas.

“Onde há estudo, nasce a sabedoria; onde há sabedoria, nasce a mudança.”



https://youtube.com/@crecendonagraca-ky4lc?si=D0PlwVq5L-_asGTL

Do ponto de vista ministerial, entender a secularização dos hábitos, a influência de mercados que lucram com o vício e a fragilidade de sistemas familiares debilitados é crucial. O cuidado preventivo (educação, catequese familiar, formação de valores), a intervenção terapêutica (aconselhamento, encaminhamento médico e psicológico) e o discipulado comunitário (grupos de apoio, oração sustentada) compõem a resposta cristã adequada.

Exemplos: drogas, práticas sexuais ilícitas — estudos e faixa etária mais ocorrente

É incontestável que jovens e adolescentes estão na linha de frente das novas formas de predileção por comportamentos autodestrutivos. Psicologia do desenvolvimento e estudos sociológicos mostram que fases de busca identitária, pressão de pares e exposição massiva a estímulos digitais tornam populações jovens particularmente vulneráveis. As implicações pastorais são claras: é preciso ação preventiva nas escolas, formação de pais, treinamento de líderes de jovens e criação de espaços de escuta. Documentários e reportagens que investigam mercados de drogas sintéticas, exploração sexual e a indústria pornográfica evidenciam a necessidade de resposta cristã articulada e prática. O ministério assembleiano deve ser voz profética e hospital de cura.

Qual o perigo da negligência com nossos filhos? Por que enfatizar esse cuidado com eles?

A negligência parental cria vácuos que o mundo secular e os interesses mercadológicos rapidamente preenchem. Crianças e adolescentes sem formação espiritual e moral são mais suscetíveis a ideologias, vícios e experiências degradantes. A Bíblia é explícita ao tutelar a formação dos filhos: “Instrui o menino no caminho em que deve andar” (Pv 22.6) é uma convocação à educação cristã intencional. No campo pastoral, a família é o primeiro santuário de instrução; a igreja complementa com ensino, suporte e comunidade. A negligência compromete gerações; a presença, a disciplina amorosa e o exemplo prático preservam e formam o caráter.

“Onde há estudo, nasce a sabedoria; onde há sabedoria, nasce a mudança.”



<https://youtube.com/@crecendonagraca-ky4lc?si=D0PlwVq5L-asGTL>

Tópico III — Do Abatimento à Glorificação

A realidade das enfermidades

A degeneração dos nossos órgãos e sistemas é parte da narrativa humana e não exclui o crente. O Novo Testamento não promete imunidade universal ao sofrimento físico; ao invés, relata que mesmo os santos padeceram: Trófimo foi deixado doente (2 Tm 4.20), Timóteo recebeu a recomendação de usar um pouco de vinho por causa de problemas estomacais (1 Tm 5.23), e Paulo mesmo sofreu enfermidades e fraqueza. A teologia pastoral reconhece que enfermidades podem surgir por múltiplas razões: consequência da queda, acidentes, escolhas erradas, fatores genéticos e, em alguns casos, para a manifestação da glória de Deus. Jesus curou muitos, mas deixou em aberto que as obras de Deus nem sempre coincidem com nossas expectativas imediatas (Jo 9.1–3). Jó é um paradigma: seu sofrimento, embora incompreensível em parte, foi meio de encontro mais profundo com o Senhor.

Diante disso, a resposta cristã integra intercessão, cuidado médico e aceitação humilde. A igreja deve promover práticas de cuidado: visitas, suporte prático, encaminhamento a profissionais, oração e, quando possível, manifestação de dons de cura, sempre exercidos com humildade e discernimento.

Jesus cura enfermidades, por que muitas vezes não somos curados? — reflexão sobre Jó

A tensão entre a graça curadora de Deus e a persistência da enfermidade nos leva ao mistério da soberania divina e da liberdade humana. A cura no Novo Testamento revela o desígnio de Deus para manifestar o Reino; porém, Deus age de acordo com seu propósito soberano, que nem sempre coincide com as expectativas humanas. Jó nos recorda que o sofrimento pode conduzir ao conhecimento genuíno de Deus: “Antes eu te conhecia só de ouvir; agora os meus olhos te veem” (Jó 42.5). Em outras palavras, a cura não é sempre a única via de restauração: o encontro transformador pode ocorrer mesmo no seio do sofrimento. A teologia pentecostal, embora valorize o sinal da cura, também ensina perseverança na fé diante de inexplicáveis enfermidades, apontando para o cuidado pastoral e a consolação que excede o milagre.

“Onde há estudo, nasce a sabedoria; onde há sabedoria, nasce a mudança.”



https://youtube.com/@crecendonagraca-ky4lc?si=D0PlwVq5L-_asGTL

Como devemos enfrentar esse grande mal?

Enfrentar a enfermidade exige dimensão dupla: cuidado prático e escuta teológica. Praticamente, procurar profissionais de saúde, seguir orientações médicas, estabelecer redes de suporte e promover qualidade de vida (nutrição, sono, exercícios) são atitudes cristãs. Teologicamente, cultivar vida de oração, comunhão, aceitação da vontade de Deus quando esta não coincide com as nossas expectativas e insistir em amor ativo pelos enfermos são expressões de fé madura. A igreja é chamada a ser lugar onde a fragilidade humana encontra dignidade, e não mero palco de exibição de milagres. O ministério deve ser holístico, comprometido com a cura integral: corpo, alma e espírito.

Enfado e canseira — Salmo 90.10

O Salmo 90, especialmente o versículo 10, descreve a experiência humana da finitude: "Os dias da nossa vida sobem a setenta anos... e o melhor deles é canseira e enfado." A palavra hebraica traduzida por "enfado" (*amal*) indica labuta, fadiga contínua. A reflexão bíblica sobre a canseira nos lembra que o corpo tem limites; a vida humana é marcada por desgaste. A limitação é realidade a ser aceita e, ao mesmo tempo, transformada em ocasião de crescimento espiritual. Paulo declara que, embora o corpo exterior se desgaste, o homem interior é renovado dia a dia (2 Co 4.16): há uma dinâmica de consolação e esperança.

Do ponto de vista científico, processos celulares como senescência, diminuição da massa muscular e alteração metabólica explicam por que a força diminui com o tempo. Contudo, a neuroplasticidade e novos estudos em gerontologia mostram que há potencial para manutenção de funções cognitivas e qualidade de vida em idades avançadas, o que reforça a necessidade de práticas comunitárias que preservem a dignidade dos idosos.

A Bíblia e a integração das pessoas abatidas na comunidade

As Escrituras repetidamente chamam à inclusão: Tiago 2.1 e Gálatas 6.10 exortam que a igreja não faça acepção, e que o cuidado seja estendido a todos, especialmente os fracos. A hospitalidade cristã inclui acolher idosos, enfermos e fragilizados, cuidando

“Onde há estudo, nasce a sabedoria; onde há sabedoria, nasce a mudança.”



<https://youtube.com/@crendonagrace-ky4lc?si=D0PlwVq5L-asGTL>

da sua necessidade física e emocional. Práticas concretas incluem ministérios de visita, adaptações arquitetônicas, treinamento de líderes em cuidado pastoral e grupos de apoio. O cristianismo praticado é o que transforma enfado em companheirismo, e cansaço em serviço mútuo.

O Corpo Glorificado — exegese de Filipenses 3.20–21

Filipenses 3.20–21 apresenta a esperança corpórea como transformação: “o Senhor Jesus Cristo transformará o nosso corpo de humilhação, para ser conforme o seu corpo de glória.” O verbo grego *metaschēmatizō* (μετασχηματίζω) significa “mudar de forma” ou “metamorfosar”; não implica aniquilação da identidade, mas sua transfiguração. Paulo descreve a metamorfose que o corpo sofrerá na ressurreição: de corruptível para incorruptível, de mortal para imortal. Essa transformação assegura a continuidade pessoal: não há substituição de pessoa, mas aperfeiçoamento da mesma identidade em nova condição.

Teólogos pentecostais insistem que a mudança será corpórea e concreta: o corpo ressurreto será real, material, porém transfigurado em sua natureza e apto para participar da glória de Cristo. A pergunta sobre os que foram arrebatados sem experimentar a morte (Enoque, Elias) encontra resposta na lógica paulina: todos os vivos podem ser transformados sem passar por decomposição; a soberania de Deus garante a unidade do corpo glorificado para todos os fiéis.

Como se dará essa transformação? O sentido de “seremos semelhantes a Cristo Jesus”

A transformação será eficaz e total: como Cristo ressuscitado demonstra um corpo que é o paradigma do corpo glorificado — tangível (Jesus comeu e foi tocado), porém glorioso (capaz de aparecer em novas dimensões). “Seremos semelhantes a Cristo” implica compartilharmos a sua condição: ausência de pecado, incorruptibilidade, poder sobre a criação e comunhão plena com o Pai. Patristicamente, pensadores como Tertuliano e Irineu falaram da restauração corpórea como finalidade da economia redentora: “o que foi criado para glória será conformado à glória de Cristo.”

“Onde há estudo, nasce a sabedoria; onde há sabedoria, nasce a mudança.”



<https://youtube.com/@crecendonagrace-ky4lc?si=D0PlwVq5L-asGTL>

Curiosidade: os que foram elevados sem morte; e os que morreram queimados — o que acontecerá com os restos?

A Escritura e a tradição confiam à soberania de Deus a capacidade de recompor o corpo. O próprio Deus que criou ex nihilo (do nada) é capaz de recompor matéria dispersa para a ressurreição final. A narrativa de Ezequiel (vale de ossos) e a própria promessa de ressurreição aos mortos mostram que a capacidade de Deus de reunir o pó é plena. Quanto aos que foram levados sem morte, a Escritura sugere que serão transformados de modo adequado: “nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados” (1 Co 15.51). Assim, não há incoerência teológica: seja pela ressurreição após a morte, seja pela transformação imediata dos vivos, a obra de Deus assegurará a totalidade da redenção corporal.

Conclusão

O corpo humano é, para a teologia bíblica, uma realidade criada por Deus, portadora de valor intrínseco e chamado à comunhão com o Criador. A Queda introduziu o estrago do pecado: separação espiritual, dor, envelhecimento e morte. Entretanto, a mesma Escritura promete a restauração integral em Cristo: a redenção que abrange corpo, alma e espírito. A esperança cristã sobre a redenção do corpo não é escapismo, mas convocação à responsabilidade: cuidar do corpo como templo do Espírito, preservá-lo na santidade e integrá-lo à vida comunitária.

Na prática, isso exige ministério pastoral atento às enfermidades, educação familiar firme contra a negligência, ação preventiva diante das potenciais formas de escravidão modernas (vícios substanciais e tecnológicos), e compromisso ético-comunitário com a inclusão dos mais fracos. A doutrina da glorificação final nos estimula à esperança perseverante: o pó voltará a ser glória, e o corpo da humilhação será transfigurado no esplendor do corpo de Cristo.

Que a igreja, corporativamente e cada crente individualmente, cuide de seu corpo como dom e responsabilidade, promova a dignidade do envelhecer, intervenha com compaixão nas feridas do sofrimento humano e proclame com coragem a promessa

“Onde há estudo, nasce a sabedoria; onde há sabedoria, nasce a mudança.”



[https://youtube.com/@cre
scendonagraca-
ky4lc?si=D0PlwVq5L-
_asGTL](https://youtube.com/@cre
scendonagraca-
ky4lc?si=D0PlwVq5L-
_asGTL)

de que “aquele que começou em nós a boa obra há de completá-la até o dia de Cristo Jesus” (Fp 1.6).

“Onde há estudo, nasce a sabedoria; onde há sabedoria, nasce a mudança.”